



COMÉRCIO cresce 44% em uma década: receita total do setor no período, porém, não acompanhou a expansão do número de estabelecimentos. Correio Popular, Campinas, 23 nov., 2001.

DoRio

A globalização, as flutuações e a estabilidade econômica foram os principais fatores que contribuíram para as mudanças ocorridas no comércio brasileiro na década de 90.

O número de estabelecimentos cresceu, mas caíram os salários e a produtividade. Enquanto a quantidade de empresas do setor aumentou 44% entre 1989 e 1999, a receita total neste período cresceu apenas 3,86%. A diferença entre a expansão dos negócios e da receita é resultado da entrada no mercado de um número maior de empresas de pequeno porte. Os dados foram divulgados ontem em pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Segundo o gerente do Departamento de Comércio e Serviços do IBGE, Roberto Saldanha, a abertura das pequenas empresas no setor foi estimulada pela estabilidade da economia e pelos incentivos aos micro e pequenos negócios. Com o maior volume do comércio de pequeno porte, o setor elevou de 4,2 milhões para 5 milhões o número de empregados, mas reduziu a produtividade, já que a receita por funcionário caiu 12,44% de 1989 para 1999. O faturamento médio por empresa caiu de R\$ 525,9 mil para R\$ 378,3 mil no período. Os salários médios acompanharam a queda, com redu-

**Abertura de
novas empresas
foi estimulada
pela estabilidade
da economia**



Movimento no Centro de Campinas: setor elevou de 4,2 mi para 5 mi o número de empregados

ção de 2,64 salários mínimos para 2,62. “As menores empresas pagam também menores salários”, disse Saldanha.

A concentração no setor permanece. Segundo a pesquisa, do total de 1,038 milhão de empresas comerciais no País em 1999, apenas 27 mil empregavam mais de 20 funcionários. No mesmo ano, dos R\$ 23 bilhões em salários pagos pelo setor, quase metade, ou R\$ 10 bilhões, foram desembolsados por 2,6% do total de empresas, que são exatamente as que empregam mais de 20 pessoas. Para a chefe do Departamento de Comércio e Serviços do instituto, Vânia

Prata, apesar de a pesquisa ter sido realizada em 1999, “permanece como um retrato do Brasil de hoje”, já que este é um setor no qual as “modificações sensíveis” acontecem lentamente.

Os segmentos do comércio que concentram a receita do setor são supermercados e hipermercados, no varejo. No atacado, a venda de combustíveis responde pela parte mais representativa do faturamento.

Segundo a pesquisa divulgada ontem, a participação dos super e hipermercados nas vendas do comércio varejista do País (R\$ 190,4 bilhões em 1999) cresceu de 20,1% em 1989 para

25,5% em 1999. No mesmo período, a participação de armazéns e mercearias caiu de 14,8% para 9,7%. “O faturamento dos supermercados cresceu em detrimento do comércio tradicional”, disse Saldanha.

Ele lembrou que esses estabelecimentos vêm crescendo e ganhando eficiência em grande velocidade, devido às fusões e à entrada de empresas estrangeiras no País, tendência que deverá se acentuar nos próximos anos.

Em relação aos combustíveis no atacado, a participação no faturamento atacadista cresceu de 19,1% (1989) para 30,5% (1999).